

VICENTE GARCÍA DE DIEGO LÓPEZ — *Estudio psicológico-lingüístico del «temor a la muerte» entre los clásicos latinos.*
Sep. dos *Anales de la Universidad Hispalense*, núms. I e II.
Sevilha, Imprenta de la Gavidia, 1945. iv + 40 pp.

Encara-se, no século em que vivemos, o estudo das línguas vivas ou mortas, de forma bem diferente do modo como as estudavam nossos pais e avós. Pretende-se nos tempos hodiernos, pelo exame atento e minucioso dos idiomas, investigar o grau de civilização, as instituições, os costumes e as ideias filosóficas e religiosas dos povos que nelas se exprimiam; e os resultados até hoje obtidos são já apreciáveis, e mais e melhor se conseguirá se se multiplicarem, para cada povo, monografias como a que temos presente.

Filho do conhecido romanista Vicente García de Diego, o Sr. Vicente García de Diego López — um novo ainda — brinda-nos, todavia, com um trabalho suculento e bem elaborado, que não faria pouca honra a um linguista encanecido, e que, se se não impõe pelo número de páginas, é porque o seu autor, dotado de grande poder de síntese, soube comprimir em magro espaço matéria que se prestava a considerável desenvolvimento.

Norteador, de princípio a fim, por uma sã e criadora filosofia espiritualista, estuda as reacções psicológicas manifestadas nas obras dos escritores latinos em face da certeza da morte, e estabelece, logo de início, as semelhanças e diferenças entre o receio da morte em nós e nos irracionais. Estes temem a morte e procuram evitá-la por instinto; o homem, porque se representa intelectivamente as consequências dela (p. 2).

O povo romano, afirma o Autor, temendo tanto mais a morte quanto mais materialisticamente a considerava, receava-a sobretudo quando a concebia como o aniquilamento completo, o «não ser» de alma e corpo (p. 3); mas tal conceito, raríssimo na velha Roma, só em Lucrécio se encontra. Admitiam os outros escritores latinos, de qualquer modo, a sobrevivência da alma; e, apesar de ser um dos menos espiritualistas, o poeta-filósofo do *De rerum natura* enumera, no livro III, os três destinos possíveis do espírito humano depois da morte:

- 1) morte com o corpo: *simul intereat nobiscum morte derempta*;
- 2) jornada para as trevas e lagoas de Orco: *tenebras Orci uisat uasque lacunas*;

3) metempsicose: *pecudes alias diuinitus insinuet se.*

A ideia da immortalidade da alma sempre constituiu lenitivo contra o pavor da morte, mas havia recursos para tornar menos horrível o fim da vida, como, por exemplo, a consideração dos males e tribulações presentes. Neste caso, é a morte uma libertação, como Cícero escreveu: *hi uiuunt qui e corporum uinculis, tamquam e carcere, euolauerunt, uestra uero, quae dicitur, uita mors est.*

Procuram assim os autores latinos convencer-se, como ainda hoje se faz, de que não temem a morte; e chegam a estabelecer oposição entre o receio e o amor dela, como se opõe a beleza à fealdade. Se algum bem resulta da morte ou se a vida se sacrifica a um nobre ideal, então a morte, longe de ser um mal, é uma honra e um bem desejável e digno de inveja, tanto assim que há até quem a reclame ciosamente para si, como se indica com as palavras que a exprimem: *obire, oppetere*. A este propósito foi feliz o Autor nos exemplos apresentados nas pp. 4 e 8, posto que a todos sobreleve o de Horácio: *Dulce et decorum est pro patria mori.*

Curiosa a lista dos nomes feios que os Latinos chamavam à morte. Como nós outros, mimoseavam-na com os epítetos de *gelida, pallida, atra, indomita*.

Interessam também as perifrases com que a morte se designa humoristicamente, tanto mais que têm paridade em português (p. ex., «esticar o pernil») e em alemão (pp. 11-12).

A análise das verbos que significam «morrer», como *interire, perire, obire, exire, ire* (cp. em port. «inda desta se não vai»), *excedere, discedere, concedere, recedere, fugere, deserere, linquere*, está feita com clarividência e acuidade; e o mesmo se diga pelo que respeita à identificação da morte com o tempo e das possíveis acções precursoras da morte.

Os capítulos VII e VIII tratam, respectivamente, da alusão aos conceitos da vida, como fogo, luz, calor, sopro e alento, e aos modos linguísticos indicativos da separação da alma do corpo. E aqui (p. 33), mas só neste ponto, ousa levemente discordar das palavras de Diego López, quando afirma que os autores latinos herdaram dos gregos uma verdade admitida por quase todos, — a de que a separação da alma do corpo produz a morte. Não parecem mero *lapsus calami* as palavras do esperançoso autor do *Estudio psicológico-lingüístico*, que já na primeira parte atribui aos escritores latinos «ideias en parte materialistas». Mas a religiosidade e consequente espiritualismo dos Romanos é bem manifesta no decurso de toda a sua história e anterior às relações que vieram a ter com os Hele-nos. Além disso, a religião latina, com o respectivo vocabulário, deve mais à influência etrusca que à dos Gregos (Ernout, *Philologica: Les éléments étrusques du vocabulaire latin*), sem embargo de algumas divindades da Grécia se confundirem com as de Roma, o que aliás aconteceu igualmente com as gaulesas do tempo de César e as germânicas que Tácito nos refere.

Termina o livro do Sr. Vicente García de Diego López com um léxico alfabético de palavras tratadas e com um índice das matérias; inserida entre os dois índices, vem uma copiosa e selecta bibliografia.

Saudamos o autor desta documentada monografia pelas excelentes qualidades que manifesta, de trabalho, concisão, clareza e noticiosa erudição, que muito o honram e obrigam nos seus escritos futuros.

P.^e ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA